**Casa Andresen de Manaus ( Robério Braga )**

A conhecida casa comercial de J. H. Andresen foi organizada originalmente na cidade do Porto, Portugal, em 1845, atuando amplamente, com franco sucesso e resultados empreendedores. O fundador J. H. Andresen, nasceu em Devenum, mar do Norte, área dinamarquesa, depois alemã e seguiu muito novo para Portugal onde se estabeleceu comercialmente e onde veio a faleceu em 1894, ficando o empreendimento sob o comando dos três filhos, até a morte de João Andresen.

Atuou principalmente na exportação para a América do Sul, através de seus próprios vapores e em uma destas viagens, encontrou-se com José Cláudio Mesquita a quem, reconhecendo pendores e qualidades de comerciantes, convidou para dirigir uma das filiais brasileiras.

A filial de Manaus foi organizada em 1882, por José Cláudio Mesquita na condição de sócio-gerente.

Nascido em Setúbal, Portugal em 7 de outubro de 1858, chegou a Manaus para fundar o novo estabelecimento comercial. Atendia a seus clientes com vinho do Porto, ferragens importadas, a exportação de borracha, o cacau, a castanha e a navegação fluvial extremamente regular, a tal ponto de ser chamada de navegação inglesa, ligando a cidade do Porto, outros portos da América do Norte e norte do Brasil. Em 1908 viajam entre Lisboa em Manaus os navios Dona Maria e Dona Amélia, e o rebocador Jane que viajava para o interior do Estado.

Sediada em Manaus, em grande área da praça Tamandaré, sob a gerência de Cláudio Mesquita, de quem dizia a empresa da época "modesto no trajar, modesto na vida, prescinde a todos as horárias". Foi presidente da Associação Comercial do Amazonas, atuando na defesa do sistema de telégrafo, pela valorização da borracha e da castanha no mercado comercial. Em 1887, com a Associação sob a presidência de Arthur Johnston. E em 1892 surge como vice-presidente da entidade, então dirigida pelo empresário João Afonso do Nascimento, para ser presidente na região de 1893 e depois em 1899-1900, em cujo mandato pugnou pelos serviços telegráficos. Pela sua ação em defesa da borracha, chegou a ser chamado de "o apóstolo de heveicultura. Foram muitos os folhetos que redigiu pessoalmente para orientar as populações do interior amazonense sobre o plantio e os serviços do campo. É de sua iniciativa a organização do Seringal Mirim, com recursos próprios, uma espécie de campo de demonstração urbana da serigueira. Foi ele o inventor da chamada faca amazônica, instrumento que substituiu a machadinha do seringueiro que feria as árvores de morte, trazendo prejuízos definitivos para a colheita do látex. Em 1911 comprou a Olaria das Lajes, então pertencente ao industrial Raimundo Monteiro Tapajós, que ampliou e aparelhou modernamente, ali empregado cerca de 200 operários.

Com a queda da borracha , arcou com as dívidas e compromisso do Armazém que fechou

as suas portas, não aceitando as propostas de concordata, então oferecidas. Em abril de 1916 deu-se grande parte do desfecho comercial da empresa. Era gerenciada por João Andresen e Antônio de Pinho Maia que expôs todas as dificuldades em reunião da Associação Comercial do Amazonas, atribuindo graves responsabilidades ao Sr. J.J. Swenderboy Alves, guarda-livros da empresa que, despedido, não aceitou o encontro de contas proposta pela empresa, constituindo advogado o dr. Caio Valladares que, de pronto, requereu a falência da empresa Casa Andresen . O juiz do feito era o dr. Lima de Alencar. Dos fatos narrados resta envolvimento também para os irmãos e advogados Huáscar de Figueiredo e Waldemar Figueiredo. Era de tal monta o fato que a Associação atuou junto ao governador e ao presidente do Tribunal de Justiça para procurar resolver o caso. Adenúncia no plenário da ACA chegou ao conhecimento de Huáscar que requereu cópia da ata para defender-se. Abriu a própria empresa, com a denominação de Mesquita & Comp., liquidando seus compromissos.

Sócio da Beneficente Portuguesa do Amazonas e membro da Loja Maçônica Esperança e Porvir, iniciou-se em 25 de abril de 1884, auxiliando de logo a abolição da escravatura negra no Amazonas, por cuja participação encontra-se inserido na obra de Rodolpho Guimarães Valle que registra a vida dos maçons amazonenses.

Faleceu na Paraíba, em 23 de outubro de 1923, na residência de sua filha Sarah e seu genro Mário de Albuquerque, sendo homenageado em sessão da Associação Comercial de 6 de novembro de 1923, com um modesto registro de seu falecimento.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

## Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura